

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

87)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. ( DEZEMBRO 29 , 1838



D. LUIZ DA CUNHA.

NASCEU D. Luiz da Cunha em Lisboa a 23 de Janeiro de 1662.—Foi seu pae D. Antonio Alvares da Cunha, senhor de Taboa, e guarda mór da Torre- Tombo, pessoa assaz conhecida por feitos de armas na guerra da restauração, e pelos escriptos com que enriqueceu a litteratura patria. Pelo lado materno era D. Luiz da Cunha sobrinho do grande D. Sancho Manuel, conde de Villa-flor, e por isso parente mui proximo de D. Antonio Manuel de Vilhena, de quem fizemos menção a paginas 324 deste volume. Seguiu D. Luiz da Cunha muito moço os estudos da universidade de Coimbra, onde se graduou na faculdade de Direito canonico. Os talentos extraordinarios que mostrára, bem como a valia da sua illustre familia, fizeram com que, apenas acabado o curso dos seus estudos, fosse nomeado desembargador da relação do Porto, contando 24 annos de idade: seguiu assim por algum tempo a carreira da magistratura, passando para a relação de Lisboa, donde saiu em 1696, nomeado embaixador extraordinario á côrte de Londres. Nesta cidade residiu até o anno de

1712, em que foi mandado por embaixador extraordinario, e ministro plenipotenciario ao congresso de Utrecht, onde assignou o tractado de paz, celebrado entre Portugal, França, e Hespanha. Depois disto voltou D. Luiz da Cunha para Londres, como embaixador extraordinario, a felicitar Jorge 1.º pela sua elevação ao throno de Inglaterra, e acompanhou aquelle monarcha na sua ida a Hanover, donde tornou outra vez a residir em Londres.

Aqui recebeu ordem d'elrei D. João 5.º para passar á côrte de Madrid, no mesmo character que tinha em Inglaterra, o que, sem dilação, executou. Estando em Madrid, foi nomeado plenipotenciario ao congresso de Cambray, o que não tendo effeito, ficou em Paris, até que succedendo na nossa côrte algumas differenças com o abbade de Livri, embaixador da França, este se retirou, e ao mesmo tempo foi D. Luiz da Cunha mandado sair daquelle paiz. Foi então o nosso célebre diplomáta residir em Bruxellas, onde se deteve algum tempo por causa de uma enfermidade, que lhe sobreveio. Como particu-

lar passou de Bruxellas para a Haya, onde esteve até que foi mandado a Paris, tendo já na Haya tractado e ajustado com o marquez de Fenelon, ministro de França, a differença que entre a nossa côrte e a de Paris se alevantára. Nesta cidade residiu, dahi em diante até a epocha da sua morte, como ministro de Portugal. Os seus talentos e a experiencia de tantos negocios, quantos foram os que tractou durante mais de meio seculo, em que foi encarregado constantemente de importantes missões, o tornaram um dos diplomatas mais respeitaveis e respeitados da Europa. Os ministros de todas as nações, para nos servirmos da expressão de um nosso escriptor, o tinham em conta de oraculo: e a habilidade e prudencia com que por espaço de 53 annos guiou intrincados negocios, e tractos politicos da maior monta, lhe grangearam a celebridade bem merecida, de que gosou nos ultimos annos da sua carreira publica, que só terminou com a morte deste eximio varão, succedida em Paris a 9 de Outubro de 1749.

Uma das negociações em que os dotes de D. Luiz da Cunha, a sagacidade e prudencia, brilharam com mais fulgor, foi a que impediu uma guerra com Hespanha em 1735. Dera motivo á dissensão entre os dois paizes o seguinte successo: um criminoso, perseguido da justiça, fôra tirado das mãos della pelos creados de Pedro Alvares Cabral, nosso ministro em Madrid. A insolencia deste proceder excitou a indignação das auctoridades castelhanas; e esta ainda subiu de ponto, quando publicamente foi visto o preso, culpado de grandes crimes, tractado familiarmente á janella do palacio do embaixador pelo secretario da legação: irritados os animos, procurou o governo hespanhol desaffrontar-se, prendendo alguns creados de Pedro Alvares Cabral. Soube-se em Lisboa o successo; mas por tal modo transfigurado, que o governo resolveu fazer represalias, mandando prender todos os creados do marquez de Capicioastro, ministro d'Hespanha juncto á côrte de Portugal. Neste estado se prepararam ambas as potencias para a guerra; mas o ministerio fraco e incerto de D. João 5.<sup>o</sup>, posto que se persuadisse, ou fingisse persuadir, de que da sua parte estava a razão, procurou affastar um rompimento que o seu medo, não de todo mal fundado, lhe fazia olhar como arriscadissimo. Escreveram, pois, a D. Luiz da Cunha para que lhes acudisse neste trance, mandando-lhe elrei licença para gastar até dois milhões. Levou o habil diplomata este negocio por tal arte que sem quebra de honra se conservou a paz. A carta que por esta occasião escreveu D. Luiz da Cunha ao secretario d'estado Diogo de Mendonça Côrte-real, é um documento precioso da sua inteiresa politica, e além disso da sua limpeza de mãos. Podendo receber dois milhões, e da-los por gastos em um negocio de tanta monta, promete leva-lo a cabo, o que de feito conseguiu, com 140:000 cruzados, dizendo, todavia, francamente ao secretario d'estado, que nesta questão estava a razão da parte da Hespanha, e da de Portugal nenhuma.

No meio de uma vida agitada e cheia de cuidados, não deixou D. Luiz da Cunha de cultivar as letras, em que alcançou não desmerecida reputação.

— Entre os seus escriptos tem o primeiro logar as suas *Memorias*, que são a historia politica da Europa durante meio seculo. Estas *Memorias*, que seu auctor offereceu para a livraria real, ainda [para vergonha do nosso paiz] não viram a luz. Por muitas bibliothecas publicas e particulares ha algumas copias dellas; mas geralmente incompletas, devendo existir o original na bibliotheca real, onde o viu D. Antonio Caetano de Sousa, que dá grandes gallos a esta obra. — Entre outros escriptos de D. Luiz

da Cunha, nós possuímos a 5.<sup>a</sup> parte das suas *Memorias*, e nos parece que é este um dos livros de mais curiosidade que em portuguez se tem composto, ainda que não negaremos que o seu estylo é por vezes desleixado, e a linguagem pouco pura, defeito commum neste auctor, mas desculpavel, se nos lembrarmos de que elle viveu a maior parte da sua vida entre estrangeiros, e fallando estranhas linguas.

Entre varias cartas de D. Luiz da Cunha, de que porventura algumas poderão ser tachadas de apocriphas, é célebre uma dirigida a elrei D. José 1.<sup>o</sup>, ainda principe, na qual lhe dá mui proveitosos conselhos para o bom regimento da republica: nella mostra principalmente este perspicaz politico quanto conhecimento tinha, não só das cousas, mas dos homens, aconselhando a D. José que, logo que por morte de seu pae haja de subir ao throno, eleja para seu ministro a Sebastião José de Carvalho, conselho que não esqueceu ao principe, devendo Portugal, porventura, a D. Luiz da Cunha, o ter sido o reinado de D. José uma epocha de poderio e grandeza, a que este pequeno paiz, sem um tal ministro, nunca teria subido. Na mesma carta lembra o auctor não só varias providencias que no tempo do marquez de Pombal se pozeram em practica; mas outras muitas que successivamente se foram dando nos reinados seguintes. Tocou D. Luiz da Cunha, naquellas instrucções offerecidas ao principe, a reforma e melhoramento do exercito, da marinha, e da magistratura, a creação da policia da côrte, que naquella epocha era nenhuma, propondo o serviço das rondas de cavallaria, os *watchmen* ou guardas nocturnas divididas por bairros ou ruas, como em Londres, e a illuminação da cidade: aconselhou, além disso, a diminuição dos advogados, para não alimentar o espirito demandista dos portuguezes, o fomento da industria, a abertura d'estradas e canaes, e a tolerancia religiosa. Esta judiciosa instrucção, fructo de consumada experiencia, foi, que nós sabemos, a unica obra de Luiz da Cunha, que se imprimiu, e isso modernamente.

Não foram, porém, aproveitados como cumpria os talentos deste habil politico: os ministros de D. João 5.<sup>o</sup> não eram, pelo commum, capazes de os avaliarem. Devemos exceptuar deste numero o grande Alexandre de Gusmão, que parece ter sido intimo amigo de D. Luiz, e o homem com quem elle se entendia na côrte do *Rei Magnanimo*. Em abono da nossa opinião porremos aqui duas cartas, uma de D. Luiz da Cunha, outra de Alexandre de Gusmão, que não só fazem ao intento; mas servem para caracterisar os ministros e côrte de Portugal naquella epocha.

1.<sup>a</sup> — “Eu convido a elrei nosso amo para figurar muito na Europa, sem ter parte nas desgraças della. Os principes belligerantes se acham cansados da guerra, e todos desejam a paz. Esta pertendo eu se faça em Lisboa, e que nosso amo seja o arbitro della; mas não posso entrar neste empenho, sem V. S. tomar parte nelle; porque conheço as difficuldades, que hei-de encontrar em elrei e nos seus ministros d'estado. Ajude-me V. S. a vencer este negocio; pois que só V. S. é capaz de faze-lo persuadir. Espero dever a V. S. este favor; segurando-lhe que responderei pela condescendencia dos contrahentes, e tambem pelas inquietações e prejuizos que elrei possa receiar ou sentir. Sirva-se V. S. dar-me resposta, e occasiões de servir a V. S., como desejo e Portugal ha-de mister. Paris 6 de Dezembro de 1746. — D. Luiz da Cunha. —”

2.<sup>a</sup> — “Ainda que eu já sabia, quando receli a carta de V. Ex.<sup>a</sup>, que não havia de vencer o negocio em que V. Ex.<sup>a</sup> se empenhou, comtudo, por obedecer, e servir a V. Ex.<sup>a</sup>, sempre fallei a S. M. e aos ministros actuaes do governo.”

“Primeiramente, o cardeal da Motta me respondeu: que a proposição de V. Ex.<sup>a</sup> era inadmissível, em razão de poder resultar della ficar elrei obrigado ao cumprimento do tractado, o que não era conveniente. Em quanto fallámos na materia, se entreteve o secretario d'estado seu irmão, na mesma casa, em alporcar uns craveiros; que até isto fazem alli, fóra de logar e tempo.”

“Procurei fallar a Sua Reverendissima mais de tres vezes primeiro que me ouvisse; e o achei contando a apparição de Sancho a seu amo, que traz o padre Causino na sua Córte Sancta, cuja historia ouviram com grande attenção o duque de Lafões, Fernão Freire, e outros. Respondeu-me: que Deus nos tinha conservado em paz, e que V. Ex.<sup>a</sup> queria metter-nos em arengas, o que era tentar a Deus.”

“Finalmente fallei a elrei [seja pelo amor de Deus!] que estava perguntando ao prior da freguezia por quanto rendiam as esmolas das almas, e pelas missas que se diziam por ellas. Disse-me: que a proposição de V. Ex.<sup>a</sup> era muito propria das maximas francezas, com as quaes V. Ex.<sup>a</sup> se tinha connaturalisado, e que não proseguisse mais.”

“Se V. Ex.<sup>a</sup> caisse na materialidade [de que está muito livre] de querer instituir algumas irmandades, e me mandasse fallar nellas, haviamos de conseguir o empenho, e ainda merecer-lhes alguns premios.”

“A pessoa de V. Ex.<sup>a</sup> guarde Deus como desejo, para defesa e credito de Portugal. Lisboa 2 de Fevereiro de 1747. — Alexandre de Gusmão. —”

Poremos aqui ponto a esta curta biographia de D. Luiz da Cunha; porque para a escrever com a conveniente miudeza e individuação seria necessario examinar as suas memorias, e historiar todos os negocios diplomaticos em que elle entrou, e que são talvez os principaes que se tractaram na Europa, em uma epocha da moderna historia fertilissima em extraordinarios successos.

#### CAÇA DO URSO NA HUNGRIA E BOHEMIA.

Nos mais remotos e menos cultivados districtos da Hungria e Bohemia, o urso pardo ou preto dá no inverno grande trabalho aos pastores; e por isso andam sempre á caça delle, o que em parte lhes serve de divertimento. É no principio da primavera que os ursos fazem mais damno, quando a aspera geada lhes tolhe o correrem atraz da prêa na floresta: fazem então correrias, pelas aldêas e burgos, alto dia; e não é raro encontrar o camponez, que volta do trabalho, este felpudo e focinhudo guerrilheiro, revolvendo-lhe a choupana em cata de mantimentos. Para os caçar, os aldeões vão aos ranchos de tres e quatro, cada um armado de sua machadinha. Quando se encontra o urso, o caçador que deve accommette-lo [tendo uma especie de garras de ferro atadas aos joelhos para poder trepar mais facilmente] avança ousadamente para elle, até a distancia de 150 ou 200 palmos, e começa a briga, atirando-lhe com uma pedra; feito isto deita a correr para uma arvore, que já tem de olho. Tanto que o urso apanha a pedrada, corre a trote curto atraz de quem lh'a atirou, e que já está em cima da arvore: com a ajuda das suas fortissimas unhas trepa pelo tronco acima; mas estas cravam-se-lhe, ás vezes, tão profundamente na cortiça, que lhe custa a desencravar-las. Isto dá tempo ao caçador para desassombradamente lhe deixar pôr mesmo ao pé delle uma das patas dianteiras, que, com a machadinha lhe decepa, ou mutila de modo, que a fera não pôde subir mais: então o urso cae no chão, e acabam de o matar, em quanto está estonteado com

a forga da quêda. Há outro modo de caça em que muitas vezes o animal não morre. Quando a fera se aproxima de qualquer rebanho, os guardadores immediatamente se afrontam com ella; e um, que começa a briga atirando-lhe uma pedrada, acolhe-se ao logar d'asylo—uma arvore. O urso, trepando pelo pé della, chega facilmente ao tronco em que o caçador está assentado; mas este vae-se ao mesmo tempo retirando pelo tronco adiante. Se o tronco é comprido o animal segue avante em quanto pôde, segurando-se aos ramos que lhe ficam por cima; mas o caçador continuando a recuar até onde o tronco é mais fraco, se conserva ás vezes seguro a tres pés de distancia do focinho do urso. Então começa uma especie de conversação burlesca, na qual o caçador convida o urso a chegar-se, offerece-lhe um abraço, promette-lhe um bocado de pão, &c. Entretanto a fera, que já não vae gostando de se ver em um passadiço tão estreito, e que já sente vergar o ramo debaixo do proprio peso, fica duvidosa do que ha-de fazer. Todavia, se a enraivecem muito, faz-se em um novello, e nesta postura atira consigo d'alli abaixo, no qual caso, se não fica logo arrebetado ou aleijado, os seus perseguidores teem de tomar as de villa-diogo com a maior brevidade possivel.

#### PEDRAS PRECIOSAS.

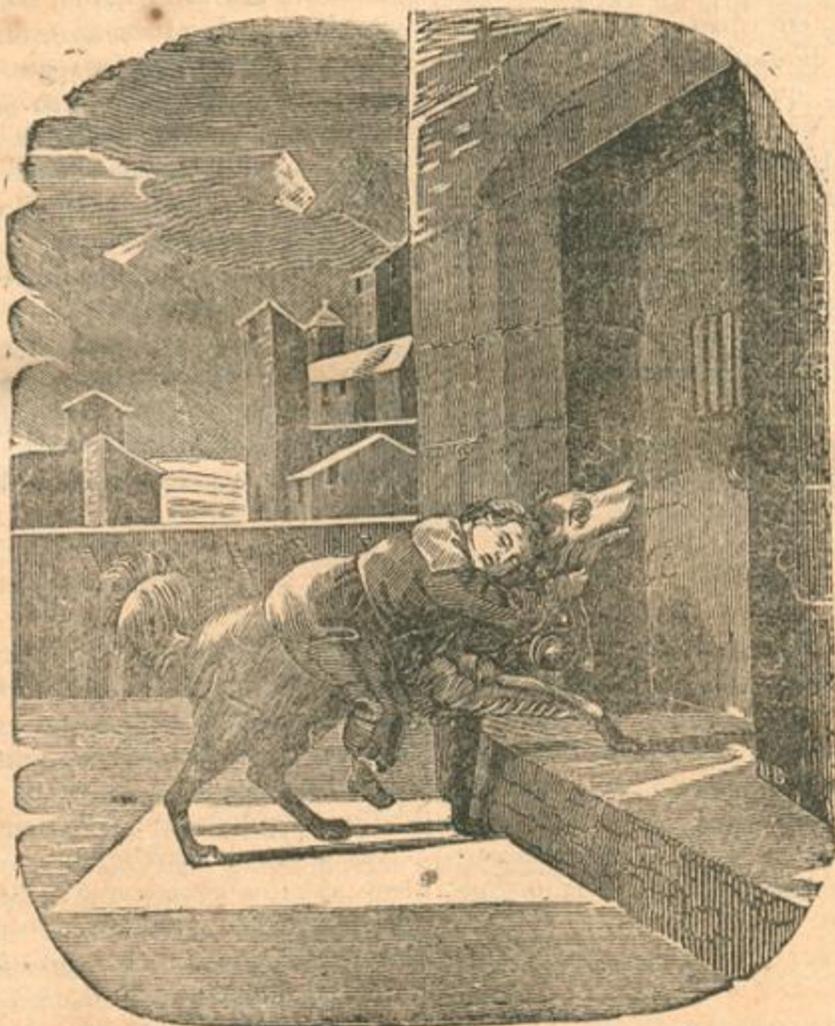
De todas as pedras preciosas a que mais geralmente se estima, e por tanto, a de maior valor, é o *adamantus* dos antigos, a que nós damos o nome de diamante. Acha-se tão sómente nas Indias orientaes, onde, no reino de Golconda, ha as principaes minas delles. É, todavia, de saber, que não se encontram estas pedras só em minas, mas tambem, como acontece com o ouro na Africa, e provavelmente pelo mesmo motivo, nas areias e leitos dos rios. *Duro como diamante* é uma expressão proverbial, fundada, como a maior parte de semelhantes expressões, na pura verdade; porque o diamante, sendo mais rijo do que qualquer outra substancia, só pôde ser facetado e polido com o pó de outros diamantes. Para se haver este pó roçam-se dois diamantes brutos um pelo outro, com grandissima velocidade: o pó que delles cae despargese em cima de uma roda de aço polida, unctada com azeite, e sobre esta roda, que se faz gyrrar rapidamente, se facetam e pulem as pedras preciosas. Tambem este pó, misturado com vinagre e agua serve, ajudado por um arame finissimo, para as serrar ou partir.

Ha uma pedra preciosa, que se parece com o diamante, mas que lhe é inferior em todas as qualidades que nelle se estimam, e que lhe dão extraordinario preço: essa pedra acha-se na America do Sul, e chamam-lhe diamante do Brasil. Um bom diamante deve ser pesado á proporção do seu tamanho, brilhante, e de côr clara. Cresce o seu valor, quanto mais subidas são estas qualidades, e diminue se tem alguma falha, fenda, veios, manchas vermelhas ou pretas, ou qualquer casta de sombra azul ou amarella por leve que seja. Está provado que o diamante, a pedra preciosa mais bella, e de mais valia, é inteiramente composto de carbone, isto é, de carvão de pedra. Mas, posto que alguns chimicos eminentes tenham alcançado converter em carvão pequenos diamantes, ainda não descobriram o methodo, que fóra muito mais de desejar, de converter em diamante o puro carvão de pedra.

Immediato em estimação, e, portanto, em valor, é o rubim, cuja côr é um vermelho purpureo. As granadas ou granates, que se parecem muito com os

rubins, julgam algumas pessoas, entendidas na materia, que não são mais do que uma variedade da mesma casta de pedras: todavia o seu valor é muito menor. São transparentes como os jacinthos, de que ha duas especies diferentes nas côres, o amarello e o vermelho, que é mais estimado. Há a saphira, que tem uma côr cerulea, ou azul de mar; o topazio que deita para a côr do ouro; e o berillo, que é verde tirando a azul.

As pedras preciosas opacas, ou meio-transparentes, tem muito menos valor, porque não só são muito menos bellas, mas muito mais vulgares. A cornelina é a melhor dellas todas; a sua côr é um vermelho debotado, ou côr de carne: a turqueza é azul tirando a esverdeado: a onix [agatha] é quasi parda. — Estas são as pedras preciosas mais notaveis que se conhecem na Europa.



ESTA estampa é uma copia d'um formoso quadro de Vassart, que representa um menino conduzido ao hospicio do Monte S. Bernardo por um dos rafeiros do convento, emmestrados para auxiliarem os religiosos na pesquisa dos infelizes passageiros, perdidos do caminho, ou encravados nos gêlos. Esta pintura teve em França grande voga não só pela sua belleza e merecimento, como pelo facto que recorda. N'um desses dias de medonha tormenta no rigor do inverno e nos pincaros dos Alpes, um daquelles rafeiros deu com um menino refugiado debaixo d'uma abobada de gelo; a mãe da pobre creança fóra, havia poucos minutos, abysmada por uma *avalanche* [\*]; e o innocente estava a pontos de perecer: o cão tanto fez com suas festas que o menino se resolveu a montarlhe nas costas, e se deixou assim conduzir até ao hospicio salvador.

Deste mosteiro, e da sua benefica instituição, um dos gloriosos titulos do espirito caritativo do Evangelho, ja démos sufficiente noticia a pag. 133 do Vol. 1.<sup>o</sup> Não podemos comtudo abster-nos de referir o testemunho de um nosso portuguez, que visitou esses logares, e repousou sob o tecto hospitaleiro daquelles bons religiosos. O redactor do Telegrapho Portuguez, em o N.<sup>o</sup> 36 de 27 d'Outubro de 1812, deu uma relação da sua viagem ao Monte Grande S. Bernardo; da qual extrahimos as seguintes passagens. — “Passada meia legua de pessimo caminho avistá-

(\*) *Avalanche*: porção immensa de gelo que se despega do cimo das montanhas.

mos os curraes das vaccas do hospicio, e suas grandes manadas que apascentavam nos arredores; bem como depois de passadas estas e uma pequena ponte de páu, principiaram as neves; por cautela descemos de nossas cavalgaduras, e guiados pelos altos esteios de páu, fomos caminhando por uma estrada cujo elemento se nos agarrava ás solas das botas, e que a poucos passos era necessario desprender. Teriamos andado um quarto de legua quando démos de repente com duas casas terreas de portas para a estrada, uma para asylo dos desgraçados vivos, que no inverno são de repente assaltados por algum grande nevão, e outra para cemiterio dos que não poderam sobreviver ao conflicto do frio e da neve; vimos ainda dois corpos inteiros de dois infelizes, que tinham morrido nos dois annos antecedentes; além de immensas caveiras e ossos, sem que lançassem máu cheiro, pela razão de que os corpos organicos não padecem fermentação putrida no meio d'uma atmosphaera, que nunca naquelle sitio, por estar rodeado de neve, passou além de 2 ou 3 graus acima de zero. Não teriamos dado duzentos passos quando um denso nevocero nos cubriu de tal sorte que a não encontrarmos pegadas, e os esteios, não seria possivel acertarmos com o hospicio. Finalmente depois de quasi uma legua de neve chegámos ao hospicio, onde presentidos por um rafeiro de côr castanha, que avisára com o latido os religiosos, veio um destes receber-nos, conduzindo-nos para uma cella com chaminé acceza. Veio logo o superior com todos os conventuaes, que não passavam de 8;

dois traziam pantufos e tira-botas, e a primeira cousa que nos fizeram foi descalçar-nos; pouco depois posta a mesa, nos deram de cear . . . Como sempre andáramos, e de repente nos achavamos em uma casa quente, não tínhamos feito idéa do frio; o superior, homem de 32 annos, tão risonha sua face, quanto puro e hospitaleiro seu coração, nos disse que estava a um acima de zero; nós estávamos no mez de Julho! Accrescentou que tem havido invernos em que tem estado a 25 abaixo de zero [quasi a ponto de gelar o mercurio]; que o ordinario é de 14 a 18; e que no pino do verão, em os annos de maior calma, apenas o thermometro tinha marcado 12 gráus acima de zero, que é a temperatura ordinaria de Lisboa no mez de Fevereiro. Estávamos na parte mais alta habitada da Europa, e talvez do mundo, não devíamos estranhar que tal acontecesse . . .”

— “Logo que principiam as neves sae todos os dias o *marronier* [moço encarregado de sair no inverno em procura dos passageiros] acompanhado de um ou dois rafeiros que levam no dorso duas garrafas de vinho branco: o cão lhe serve d'ensinar o caminho e sentir de longe pelo olfacto o infeliz passageiro; se este apenas se acha desfallecido, então o soccorre, dá-lhe vinho, e guia-o para o hospicio; se elle não póde caminhar, então vem dar parte ao convento, e desde o superior até o ultimo dos religiosos todos saem a busca-lo; pela maior parte gelam-se as extremidades, como dedos de pés e mãos, e se não é possível com fricções restituir-lhe a circulação do sangue, então amputa-se-lhe a parte gelada, operação que os religiosos fazem, sem o que a gangrena seria infalível; a maior parte destes infelizes são pedreiros que passam do Valais para a Italia, e que por pobres se aventuram nesta estrada, só porque acham agasalho, e comer de graça. O feito mais heroico que tinha o superior presenciado fóra o de um viajador inglez, que atravessando no inverno as neves com um frio de 14 gráus abaixo de zero, em çapatos e meias de seda, lhe batêra á porta mui risonho e fresco.”

— “Estes religiosos, cuja affabilidade, carinho, cortezia, e humanidade excede quanto eu tinha visto, e talvez não tornarei desgraçadamente a ver, estudam theologia, e historia, porém a sua regra não é rigorosa, podem comer de tudo, e no inverno cada um reza na sua cella.”

— “O dia 17 amanheceu sem nuvens, e foi então que vimos aonde estávamos; figure-se o recinto de meio quarto de legua de figura oblonga, rodeado inteiramente de montanhas inacessiveis, cubertas de eterna neve suas cabeças enormes e pyramidaes, e far-se-ha a pequena, e nunca verdadeira idéa do que só visto se acreditára, e nunca se comprehendêra. Dois religiosos dos mais mancebos foram ensinar-nos as curiosidades deste sitio, que consistem na egreja que é muito boa, no pequeno lago que fica juncto ao convento, e que se conservava quasi todo gelado, e na área de um antigo templo dos romanos dedicado a Jupiter, e cujas paredes tinham servido para edificar o hospicio; mostraram-nos de longe, na parte do nascente, a estrada chamada de Annibal, de que se encontram ainda alguns vestigios.” —

#### COMBATE DE GRILLOS.

DESCUBRIAM os chins que os insectos teem paixões susceptiveis de serem excitadas, e que podem ser irritados por offensas mutuas a ponto de armarem brigas, que naturalmente nunca travariam: deste facto se aproveitam para por via d'elle se divertirem d'um

modo barbaro, e que está em harmonia com os combates dos gallos em Inglaterra, ou com o dos touros em Portugal, Hespanha, e Italia. Para fazerem pelear dois grillos machos, os chins os mettem em uma especie de tigella de barro de seis ou oito pollegadas de diametro. Cada um dos donos dos dois grillos bole no seu com uma penna, o que os faz dar differentes voltas ao redor da tigella, encontrando-se e empurrando-se ao passarem um pelo outro. Depois de terem tido varios encontros por este modo, exasperam-se, por fim, e brigam até se despedaçarem mutuamente. Costumam tambem os chins irritar a tal ponto duas codornizes que chegam a combater uma com outra desesperadamente. — *Dobell's—Viagens no Kamtschatka.*

*A patria.* — A patria é a mãe commum, a unidade na qual se penetram e confundem os individuos affastados: é o nome sagrado que exprime a mistura voluntaria de todos os interesses em um unico interesse, de todas as vidas em uma unica vida perpetuamente duradoura. — LAMMENAIS.

#### DISTINCTIVOS DE NOBREZA USADOS POR VARIOS POVOS.

Os *arcades* faziam grande estimação de sua nobreza, e diziam que nem á lua reconheciam vantagem e que antes que houvesse sol e lua haviam elles nascido primeiro das arvores, fabula que se originou de terem para si os naturaes da Arcadia que foram os primeiros que acharam o curso do sol, e divisão do anno por mezes lunares, do que nasceu um proverbio antigamente usado, que dizia: *Os arcades são mais velhos que a lua*: e a este intento traziam figurada nos çapatos uma meia lua de duas pontas, por divisa de sua nobreza. Costume de que ao depois usavam os romanos, introduzindo-o o seu rei Numa Pompilio.

Os *athenienses* traziam por divisa de sua nobreza umas cigarras de ouro na abotoadura dos vestidos.

Os *egyptios* nobres traziam por divisa da nobreza as barbas longas.

Os *godos e suevos* usavam de cabellos muito compridos, lançados a uma parte, e atados com um nó. É assim em aquelle tempo o maior castigo que se dava a um nobre era mandar-lhe cortar o cabello; por isso na lei de Moysés era prohibido aos sacerdotes o tosquear-se, e tinha-se a calva por affronta, como se viu no propheta Eliseu, que porque a tinha o corriam os rapazes. Esta foi a razão porque elrei Vamba mandou cortar o cabello a Paulo, que intentou levantar-se-lhe com a monarchia.

Este costume de cabellos e barbas grandes usaram por muitos annos os portuguezes. Elrei D. Fernando foi o primeiro que fez a barba em Portugal, e já no tempo de seu irmão elrei D. João o 1.<sup>o</sup> andavam os portuguezes com o cabello cortado, que era o de que os motejava elrei D. João o 1.<sup>o</sup> de Castella, quando chorando a perda da memoravel batalha de Aljubarrota, disse, que não tivera tanto sentimento se o vencera qualquer outra nação do mundo, mas que não podia levar em paciencia que o vencessem os chamorros, porque chamorro quer dizer tosqueado. Hoje prevalecem as xumbergas, e as cabelleiras postigas: o uso e costume faz parecer boas ou más as cousas deste genero.

Não só as nações politicas traziam entre si divisas de sua nobreza, mas tambem as gentes mais barbaras do mundo. Entre os negros do Congo os que se teem por nobres trazem uns chocalhos pendurados; os do Brasil trazem mettida uma pedra verde no beigo

de baixo, e os das Indias de Castella trazem por divisa de sua nobreza umas recadas de ouro nas orelhas.

Entre os mexicanos havia nobres e plebeus, e Montesuma seu rei, que deu nova ordem á cavallaria, instituiu certas ordens militares, com certas insignias de que usavam, a que deu o nome de aguias, leões, tigres, e pardos. Estes podiam trazer ouro, prata, e vestir-se d'algodão, ter vasos dourados e pintados, e andar calçados. Os plebeus não podiam usar de vaso que não fosse de barro, e era-lhe prohibido calçar-se, e vestir outra cousa senão a nequia, que é uma roupa grosseira.

Na India oriental tambem ha differença de nobres e plebeus: nayres se chamam os nobres, e poleas os que o não são. E são estes nayres tão ciosos de sua nobreza que não consentem que polea algum os toque, imaginando que com isso perdem de quem são; e se acaso lhe tocam se alimpam com mil ceremonias, lavando-se em tanques, que teem para esse effeito. Estes nayres trazem por divisa de sua nobreza no bucho do braço uma manilha de ouro ou prata. Luiz de Camões nos seus *Lusiadas*, canto 7.<sup>o</sup> oit. XXXVII, descrevendo a India, diz delles assim:

Dois modos ha de gente, porque a nobre  
Nayres chamados são, e a menos digna  
Poleas tem por nome, a quem obriga  
A lei não misturar a casta antiga.

Porque os que usaram sempre um mesmo officio  
D'outro não podem receber consorte,  
Nem os filhos terão outro exercicio  
Senão de seus passados até a morte:  
Para os nayres é certo grande vicio  
Destes serem tocados, de tal sorte,  
Que quando algum se toca por ventura  
Com ceremonias mil se alimpa e apura.

*Samp. — Nobiliarch. Port.*

#### VIAGEM DO CAPITÃO BRAGG AO POLO.

3.<sup>o</sup>

Foi o nosso primeiro cuidado conhecer o estado da nossa embarcação. Os pedaços enormes de gelo de baixo dos quaes estivera, ao derreterem-se, haviam ensopado as madeiras como se fossem esponjas, de sorte que, apesar de estarem as escotilhas bem fechadas, achámos o navio quasi cheio de agua, que entrára pelas fendas da tólda. Assim que o gelo o permittiu, accendemos lume em todo o casco para seccarmos as madeiras.

Todos nós, sem distincção de pessoa, trabalhámos em coser no forno certa porção de biscouto d'excelente farinha, examinar o estado dos cabos e enxarcias, pôr vellame novo, e reparar tudo o melhor que podessemos.

O vento e a maré em breve lançaram para a banda de Oeste as vastas planicies de gelo, que vinham das costas da Siberia, e das ilhas polares.

No primeiro de Junho matei um passaro chamado *bourgomaster*, que viera pousar em cima d'um pedaço de gelo. Esta ave é a mais corpulenta e carnívora de quantas habitam o circulo polar arctico. No comprimento e curvatura do bico parece-se alguma cousa com a cegonha; tem um circulo vermelho á roda dos olhos; as suas azas são de linda cor de perola orladas de branco; no dorso é alvadia prateada; no ventre e cauda é cor da neve, e quando vóa abre a cauda como um leque. Aninha em rochedos altissimos onde não chegam os ursos e raposas, faz presa em toda a casta d'aves, nutre-se dos peixes mortos, e dos cadaveres dos animaes terrestres. O seu piar

é medonho, e intimida a tal ponto os mallemaks, aves da grandeza d'um pato, que ao ouvi-lo se deixam cair por terra e devorar sem resistencia.

No dia dois de Junho, como vissemos o mar menos máu para a navegação, embarcámos os mantimentos, suspendemos ancora, e com vento de servir, seguimos o rumo do Nordeste, despedindo-nos da ilha de Spitzberg, onde deixámos armado o tecto da nossa barraca, para que alguém que aportasse áquellas praias lá achasse abrigo. Sube depois que a tripulação d'um navio russo alli invernou, e que fizeram uma tão favoravel descripção do sitio, na corte de S. Petersburgo, que o mandaram povoar por uma colonia de criminosos.

Proseguimos em nossa derrota por espaço d'alguns dias, em quanto o tempo esteve sereno e o mar tranquillo, navegando com muita facilidade por entre as massas boiantes de gelo que cubriam as aguas; mas assim que perdemos a terra de vista, começou a soprar do Sudoeste um vento rijo, o qual encapellava as ondas que quebravam no convez, ao passo que o gelo formava ao redor do navio uma especie de cinta embutida, de tres pollegadas de grossura. O thermometro indicava, nessa occasião, 13 gráus abaixo de zero.

A medida que nos adiantavamos foi acalmando o vento, e aclarando e serenando o tempo; entretanto era preciso que os marinheiros quebrassem com machados o gelo que cubria as vergas e cordame, e muitas vezes, estando nós na latitude de 83<sup>o</sup> e 11' e aos 10<sup>o</sup> de longitude do meridiano de Londres, nos aconteceu cuidarmos ser terra alguns altos pedaços de gelo parecidos com promontorios e cabos.

A navegação se tornou difficultosa, e o capitão subiu ao topo do mastro grande para descubrir os logares mais navegaveis: o homem do leme attento aos signaes que lhe faziam dois marujos trepados nas enxarcias, governava como elles lhe indicavam, para fugir dos baixios, e o resto da companhia estava á pópa quebrando gelo com umas varas compridas, para abrir passagem ao navio.

No seguinte dia achámos inteiramente tapado o canal por onde íamos; mudámos de direcção, porém como o mar estivesse em socego fechou-se-nos outra vez o caminho, gelando a agua. Dirigimo-nos então para o Nordeste, mas por mais que fizemos, o gelo nos cercou por todos os lados, e não tivemos outro remedio senão fundear á espera que os gélos se fossem retirando para o Norte.

No dia 10 apartaram-se os gélos e conhecemos que o vento Sul nos impellira muito para o Norte. D'ahi a pouco nos cercaram outros baixios, e apesar do indizível trabalho que tivemos, não nos podémos fazer ao largo, porque, em calmaria, nos eram inuteis as velas. Todavia, já tínhamos chegado aos 85<sup>o</sup>, o que antes de nós ninguem fizera, e só nos faltavam mais cinco para darmos por concluida a nossa viagem.

Receosos de que os frios nocturnos aggregassem e enrijassem os gélos, tirando-nos toda a esperanza de salvacão, resolvemos pôr o ultimo esforgo para recuperar a liberdade; e por quanto a experiencia nos mostrára que aquelles campos de gelo, que ao principio nos pareceram tão compactos que impossivel fôra o rompe-los, eram comtudo tão instaveis como as vagas, e se moviam a sabor das aguas e dos ventos, os accommettemos com impeto, arribámos sobre elles com todo o pauno solto, e convenientemente mareado. As forças combinadas do vento, do cabrestante e das varas nos abriram passagem em sitios por onde pouco tempo antes não podia entrar a mais pequena embarcação. Depois de dois dias de eguaes fadigas, vimo-nos entre gélos movediços.

No dia 20 deixando-nos levar do simples impulso d'um vento fortissimo e das correntes, nos achamos aos 86 graus de latitude, duzentas e quarenta milhas distantes do pólo. Pela tarde, estando o céu claro e o mar limpo, avistámos terra ao nordeste, achando-nos nós na latitude acima e aos 34° de longitude leste de Londres. A sondareza nos indicou neste logar 50 braças, e um fundo de rocha.

Ajudados de um vento fresco nos aproximámos da costa, a qual vimos ser toda ourigada de rochedos, e perigosa para desembarque. Todavia, desejando nós muitissimo aportar a uma plaga, onde homem algum ainda havia posto pés, ancorámos em 30 braças de fundo, e na manhã seguinte, aproveitando a calmaria, parti eu n'uma lancha para a terra a que chamaremos a ilha do Burgomaster.

Esta ilha, que parece não ter mais de duas milhas de comprimento, é extremamente chata, e esteril a tal ponto que quasi nenhuns vestigios de vegetação allí se encontram: o seu terreno é uma mistura de areia e cascalho, que pareceu haver soffrido a acção do fogo, d'onde conjecturámos que alguma erupção a produzira. A ilha servia de refugio a immensos volateis, que sem duvida para allí tinham ido fazer criação. Quadrupede nenhum lá encontramos; e ave de rapina só vimos o burgomaster, que reina despoticamente na terra e devora as outras aves septentrionaes de mui variadas especies, que a habitam, e cujos ovos e filhos eram tantos que não podiamos dar passada sem esmagar algum.

No dia 23, favorecidos por um vento costeiro, continuámos a navegar, passando ás vezes o navio por cima de gélos fluctuantes que o levantavam quatro pés da superficie da agua.

Devo advertir aos leitores que não obstante termos n'aquella epocha o sol sempre á vista, havia grande differença entre o dia e a noite; porque de noite desmaiava, e a luz que dava pouco differia da da lua; além disso o frio continuava a ser intensissimo, pois o thermometro estava a 14° abaixo de zero.

Desappareceu com a brisa o tempo bom; caiu muita neve, e o mar se coalhou de pedaços de gelo, que tinham seis pollegadas de grossura entre os pareis menos distantes. Esta mudança de vento nos obrigou a fundear sobre um banco onde o gelo nos tornou a envolver; mas na madrugada seguinte quando íamos a empregar novos trabalhos para livrar-nos do perigo que estava tão imminente, variou o vento milagrosamente, e dividiu aquellas massas enormes que se foram retirando por um e outro lado do navio, crescendo á altura de vinte pés acima do convez, e ameaçando a cada instante desabar sobre nós.

Por todos os lados nos cercavam os baixios, e vendo nós que o perigo crescia procurámos descobrir com os oculos algum lago onde podessemos estar seguros. Espontaneamente se offereceu Douglas para com dois homens ir por cima do gelo em demanda d'essa colheita; empreza que não era de pequeno risco, porque a superficie do gelo estava em muitos sitios coberta de neve, que não deixava conhecer onde elle carecia de solidez.

Antes de havermos posto em obra este projecto, avistámos, quasi uma milha distante de nós, um espaçozinho d'agua sem gelo algum; mas conhecemos logo que o levarmos lá o navio era cousa de summa difficuldade. Comtudo não desanimámos, e porfiando n'um trabalho incrivel, que durou trinta e seis horas sem interrupção, conseguimos o porque nos affadigavamos.

Bem que nos parecesse que a embarcação estava de alguma maneira em segurança no sitio em que a pozeramos, em breve nos assaltaram novos sustos;

porque vindo direito a nós um desmesurado monte de gelo foi mister, para nos esquivarmos delle, metter o navio n'uma angrasinha, nas duas pontas da qual veio batter o gelo, apenas haviamos entrado.

Como augmentou a pressão no dia seguinte começámos a temer que a massa desse d'encontro ao navio e o despedaçasse. Em tal apuro não tinhamos outro recurso senão abrir no gelo um tanque, no qual nos pudessemos abrigar. Os esforços sobre-humanos que exigia a execução desta tarefa mal se podem avaliar; porém que obstaculos e lidas serão capazes de abater o animo do homem, quando a sua vida dellas depende? As serras de que nos servimos nesta operação tinham quatorze pés de comprimento, e sete de largura, com dentes de pollegada e meia de altura. Com ellas serraram os marinheiros o gelo, guiando-se pelas linhas traçadas na superficie com tanta regularidade como se houvessemos de construir uma fortificação.

O tanque, a que demos a figura d'um circulo, resistiu por algum tempo á pressão, de modo que já nos davamos por seguros, quando as massas incommensuraveis que nos cercavam, movendo-se simultaneamente, comprimiram o tanque, deram-lhe a fórma oval, e nos expuseram de novo ao mais assustador dos perigos. A embarcação de apertada que estava, gemia, e ás vezes parecia ceder ao peso.

Quem, como nós, tinha diante dos olhos a horrivel perspectiva de morrer entre os gélos, carecia, para não succumbir á desesperação, de inabalavel firmeza d'animo, e da maior confiança na Providencia. Chamei á memoria quantas vezes ella nos tinha estendido a mão benefica, e perfeitamente resignado me sujeitei á sua vontade.

O navio continuava a gemer e a estalar com ruído medonho, e os gélos mettendo-se por baixo da proa a levantavam a ponto que mal nos podiamos ter em pé sobre o convez. Nesta occasião, exhaustos todos os recursos da nossa industria, começou a desamparar-nos a esperanza.

*Origem da palavra decrepito.*—A comparação da vida humana ao arder ou ao apagar-se de uma lampada encontra-se vulgarmente nos auctores latinos, como se vê das palavras *senes decrepiti*. Plutarcho dá a seguinte explicação desta metaphora: os antigos nunca apagavam as suas lampadas; mas deixavam-as apagar por si, dando, como qualquer póde observar, pequenos estallidos: daqui veio que o estar uma lampada a ponto de apagar-se se chamou *decrepitar*, deixar de dar estallidos: e por este motivo se deu o nome de *decrepiti*, decrepitos, aos velhos que estão á borda da sepultura. — *Scaligero*.

#### INTRODUÇÃO D'ALGUMAS PLANTAS EM PORTUGAL.

O MILHO-GROSSO foi achado na America como sustento commum dos indios, e de lá trazido a Hespanha. De Cadiz trouxe um portuguez, do campo de Coimbra, menos de um alqueire [diziam os lavradores antigos daquelle tempo] e o semcou em uma terra sua: produziu com tal excesso que não é facil de explicar a abundancia, a utilidade e a riqueza que se seguiu ao reino desta rustica curiosidade de um particular.

João Botero escreve no Livro 8.º Capitulo 1.º, que neste reino se plantou o gengibre, e que produzia com perfeição. Não tenho disto noticia; e cuido que Botero só quiz dizer, nas terras do dominio de Portugal; porque se plantou no Brasil . . . .

Finalmente a laranja da China é exemplo mais moderno, visível, e que mais nos póde persuadir. D. Francisco Mascaranhas trouxe a Lisboa no anno de 1635 uma arvore, que mandou vir da China a Goa, e a plantou no seu jardim de Xabregas. Se então se soubera a producção desta nobre planta, e a riqueza que nella trazia á sua patria, tivera razão de cuidar que fazia um serviço ao reino, não menos util que os que fizeram os primeiros descobridores e conquistadores do Oriente. — *D. R. de Macedo.*

#### TESTEMUNHAS ENTRE OS MAHOMETANOS.

As regras que, no código mahometano, estabelecem o modo de provar com testemunhas são extravagantes em subido gráu. Nos casos capitaes, o testemunho de escravos é inadmissível: poder-se-hiam dar muito boas razões a favor desta lei; mas o código mahometano não regeita semelhante testemunho, porque póde ser dirigido pelo temor; mas "porque o seu estado de servidão embarça aos escravos o exercitar um acto de auctoridade, qual é o de dar testemunho." A exclusão dos escravos não é, portanto, um dictame de prudencia legislativa, mas meramente um ponto de cathogoria e ceremonial. O testemunho das mulheres é regeitado tambem; mas como a razão não póde defender tal disposição, apoiam-se os juriscultos na tradição de que assim pensou o propheta e os seus immediatos successores. Em casos mui simples, podem as mulheres servir de testemunhas; mas o dicto de duas é apenas equivalente ao depoimento de um homem. Se o accusado é mussulmano as testemunhas devem ser da mesma crença. O depoimento de individuos não-crentes é admissível só de uns para com outros, seja qual fór a religião delles: fazem prova tambem esses depoimentos contra qualquer estrangeiro infiel; mas o deste não faz prova, senão sendo contra algum individuo seu conterraneo.

Annos  
de  
J. C.

#### SEMANARIO HISTORICO.

Dezembro 23.

1510 — Sitiaram os mouros a cidade de Casim na Africa, sendo capitão della Nuno Fernandes de Attaide; mas são obrigados a levantar o cerco depois de repetidos e inuteis assaltos.

24

1599 — Fallece o erudito Diogo Mendes de Vasconcellos de que nos restam varias obras, principalmente em latim.

25

1524 — Morre em Cochim o famoso Vasco da Gama, exercendo o cargo de Vice-rei da India.

26

1606 — D. Jorge de Castello-branco derrota com mil portuguezes um grande exercito do rei de Travancor, que sitiava Coulão.

27

1707 — Morte de Fr. João Mabillon, um dos monges mais eruditos da congregação benedictina de S. Amaro: a mais célebre das suas obras é a intitulada *De Re Diplomatica.*

28

1570 — Batalha naval nos mares de Malaca entre uma armada do Achem composta de sessen-

ta vellas, e outra portugueza de quatorze navios, ficando os portuguezes victoriosos, e inteiramente destruidos os inimigos.

1706 — Morte do famoso Bayle auctor do *Diccionario Historico.* 29

1563 — Fallece em Salamanca o jurisculto Manuel da Costa, portuguez, chamado por antonomasia o *Subtil*: deixou um grande numero d'obras estimadas sobre jurisprudencia.

30

1504 — Lopo Soares d'Albergaria com 360 homens, em 15 bateis e duas caravellas, investe uma armada malabar de 17 náus grossas, approadas em terra e unidas, guarnecidas por 4:000 homens, e com muita artilharia. Todas as 17 náus foram rendidas e queimadas.

1508 — D. Francisco d'Almeida toma e arraza a cidade de Dabul. 31

1583 — Fallece em Lisboa o veneravel Fr. Luiz de Granada, um dos homens mais doutos e virtuosos que produziram as Hespanhas: as suas obras tanto latinas como vulgares gosaram, e ainda gosam, por toda a Europa, de uma justa celebridade.

1793 — Morte de Marmontel auctor das novellas — *Belisario* — *Incas* — e de muitas outras obras.

 *A Direcção communica aos S.<sup>res</sup> Assignantes, que recebem pelo Correio, que não teem a pagar pelos n.<sup>os</sup> deste jornal mais do que a quarta parte do porte das cartas.*

 *Os S.<sup>res</sup> Socios, ou Assignantes, que mudarem de residencia neste semestre, terão a bondade de dar parte das suas novas moradas, antes do fim do presente anno, ao Escriptorio da Direcção, para não soffrerem interrupção na entrega do Jornal.*

 *Os S.<sup>res</sup> Subscriptores, cujas assignaturas findam com o presente anno, no caso de as renovarem, são convidados a faze-lo pela maneira seguinte. —*

Assignatura annual, por 52 N.<sup>os</sup> 1:200 r.<sup>s</sup>  
D.<sup>a</sup> de semestre, ... por 26 d.<sup>os</sup> 640 "

*Estes preços regulam para os S.<sup>res</sup> Assignantes de Lisboa, e Porto; e para os das provincias do reino que recebem pelo correio, porte á sua custa.*

*Previne-se que d'ora em diante se não tomarão assignaturas com capa para Lisboa e reino.*

*No Escriptorio da Sociedade se acharão á venda as collecções do Jornal, completas até ao fim deste anno.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.<sup>o</sup> 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.